



As nossas actrizes em "travesti": — Rosenda de Oliveira, graça e juventude eternas, num dos seus mais curiosos papéis de revista

ALMA NOVA

SUMÁRIO DÊSTE NÚMERO

ALEGROS...: *Diálogo*, por Maria Rosa Guimarães da Silva; *EL REI CARNAVAL e sua Vaidade...*; e *Entero*, por João Soares; AS CARTAS DE AMOR EM PORTUGAL; por João Damásio; CHAMINÉS DE PORTUGAL (cont.), por Luis Claves; OS LIVROS DO MÊS, por Aluísio Moreno; ARTE, THEATRO, ACTUALIDADES E INFORMAÇÃO GRÁFICA.
Suplemento: Folheto de actualidades — «O ECO NACIONAL».

EL-REI CARNAVAL

A SUA VIDA... E ENTÉRRO

A minha vizinha do lado — com licença da memória saudosa de André Brua, mais da sua linda peça com este título, — deitou hoje a loira cabecinha de fora da janela, para me desfechar este disparate:

— Vizinho, morreu o Carnaval...



— Certo?! — respondi eu, estarrecido... Mas fixando um olhar interrogativo na sua boquinha escandalosamente enrubescida pelo *baton*, pedi-lhe licença para não acreditar.

Podia lá ter morrido, de facto, S. Magestade o Carnaval, quando há por aí tanta carinha bonita, que nem podia viver sem a sua protecção!?

O 'Carnaval' não morre, não; ele vive e viverá sempre — é de todos os dias... Está, pode dizer-se, enterrado, vivo, nos nossos hábitos e necessidades... Se ele há até quem nunca arranque a máscara... nem mesmo para dormir!...

— Ora vai-te despir, com tanta pose! O Ferro, ao menos, marca... os seus entrevistados.

— Onde foste plagiar essa cara, que pareces mesmo um S. Jorge em procissão de Ramos?...



NO CARNAVAL

DEBALDE vossência esconde
Sob uma máscara, a cara:
Porque o resto corresponde
Do tusto à beleza rara.

E sem que outra coisa sonde,
A gente logo repara
Na elegância e graça avonde
De figura assim preclara...

Sob a máscara de seda
Mais seu olhar embebido
É mais sua graça avulta...

E a gente diz, quando o vê:
— Se o que se vê assim é,
Que será o que ela oculta!...

(Lectio).

CARLOS DE LEMOS.

Erros... de visão



— Por quem se toma o senhor, que não há meio de deixar de se seguir? Desejara que se chamasse imediatamente um polícia?!

— São o necessário, minha senhora, e isto os seus ordens... Queria ter a honradez de mostrar-me os seus papéis...

(Des. de Calphós).

— O Barata, com quem estou eu a falar, é com você ou com o seu irmão?!

— E' comigo, homem, pois não vê?!...

— Como assim, se vocês andam sempre mascarados com o cara um do outro!



— Porque chamas ao 'Café Chiado' o 'Aquário dos Imbecis'?

— Porque deixei de lá ir...

— Oh! como está?!... O que faz agora o meu Augusto Santa-Rita?!

— Como sempre, Versos — meninos...

— E você, ó António Bôlo:

— Oh! eu... como sempre, versos a meninos...

— Não digas mais, já sei: És escritor e chamas-te Eduardo.

— É' espantoso! Mas porquê?!

— Ora, porque há de ser? Porque tens as mãos frias...

— Mas que Carnaval tão carnavalesco, não achas?... Não tem mesmo graça nenhuma!...

— É a Vida, meu velho, é a vida!... Mas olha, assim tem até mais graça... Medita um pouco e verás...

Com toda a sinceridade

JOÃO SINCERO.



AS
CARTAS
DE
AMOR
EM
PORTUGAL



PELO
DOUTOR
JÚLIO
DANTAS
(VERSÃO)

Os portugueses tiveram sempre a reputação de emoramar-se facilmente e, o que é mais, terem passado também — particularmente as mulheres — por possuir o dom de escreverem bem as cartas de amor, de escrevê-las com mais ternura do que as francesas, as espanholas e as alemãs. Evidentemente, tem contribuído muito para propagar esta opinião a infeliz criada, em França mais do que em qualquer outra parte, em volta das cartas de Sôror Mariana, ainda que, quarenta anos antes da freira de Beja ter dirigido as suas cartas mortais a M^{de} Chamilly, já se dizia em Madrid: «Para escrever uma carta de amor, não há como uma portuguesa».

Nada mais fácil do que provar, mediante citações bem escolhidas, que muitos escritores estrangeiros têm feito frequentes alusões ao que de mais amoroso e delirado há no nosso carácter. Lope de Vega e Tasso de Molina afirmam em suas obras de teatro que não há mulheres mais amorosas e ciumentas que as portuguesas. M^{de} Sévigné, na sua carta a Brancas, desculpa-se de não ser muito ferna, porque, a lázê-lo assim, «seria portuguesa».

A mulher portuguesa tem um coração sensível, uma penetrante inteligência do sentimento e toma o amor a sério, talvez como nenhuma outra mulher. Quando uma verdadeiramente deixa-se dominar e absorver pelo amor e entrega-se-lhe com fervor místico. O amor não é nunca para ela uma frivolidade, é uma paixão fatal que dura toda a vida. E talvez as suas cartas impressionem e perturbem muito mais que todas as outras, porque a mulher portuguesa ama com mais exaltação, com um abandono total, consumindo-se ao chama que ela própria acende.

Não tenho dúvida em confessar que conheço mulheres apenas educadas que, com os simples recursos da sua delicada sensibilidade, escrevem cartas deliciosas. O segredo da sua originalidade estriba-se precisamente na sua sinceridade absoluta. Deixam falar o coração, e o coração que fala livremente, poderá às vezes carecer de elegância nas suas expressões, mas nunca cairá na banalidade.

Visto que as mulheres portuguesas têm tal reputação, pode parecer estranho que não exista na nossa literatura mais do que uma tão modesta colecção de cartas de mulher. E que os portugueses — honra lhes seja — não tenham o costume de publicar as cartas de amor que recebem. E um sentimento de piedoso respeito impõe os herdeiros dos grandes apaixonados a deixarem ao fogo as pequeninas folhas onde se gravaram as loucuras que, mortas as que as escreveram, tem já direito ao esquecimento.

É indubitável que, se M^{de} de Meira tivesse pensado assim, nunca nos teríamos conhecido as cartas de M^{de} de Lesgoussé e que, se análogos escarapuchos houvessem deitado M^{de} de Chamilly, esses tesouros de sentimento das cartas de Sôror Mariana de Beja haveriam desaparecido para sempre. Mas se a nossa literatura tem perdido provavelmente com isso, em compensação tem ganhado, sem dúvida, a reputação de muitas mulheres.

No século XVIII, um dos franceses mais mimado pelas mulheres, dizia que nenhum homem de honra tinha direito de conservar cartas de amor. Nós temos ido mais longe, dizendo que todo o homem de honra deve reduzi-las a cinzas. E quantas maravilhas se tem perdido, quantos génios não tem sido revelados, quantos problemas de história tem ficado sem solução, por haver derrocado o fogo algumas cartas!

Os franceses conservam e publicam tudo. Dia a dia, com uma

faixa de respeito que atinge o impudor, se publicam cartas de amor revelando os segredos mais íntimos, as misérias do coração de personagens célebres (Vejam-se as cartas de Vejeze, Mussel e George Sand). Nós temos sofrido talvez do defeito oposto. E o resultado do nosso excesso de discreção, é que quasi não há outras provas do talento epistolar das portuguesas, a não ser as cartas de Sôror Mariana, tão humanas, tão admiráveis que até poderiam resistir à tradução francesa em *As Preciosas Ridículas*.

Não obstante, subsistem alguns documentos para o estudo das cartas de amor dos nossos antepassados, ainda que a maioria sejam de homens.

Remontemo-nos ao século XVI. O perfume das cartas escritas e recebidas por «Eva», portuguesa da Renascença, exalou-se até nós. Então, a arte de escrever cartas de amor era já uma arte delicada e difícil. Em primeiro lugar, raras eram naquela época as pessoas que sabiam ler e escrever. Logo, a arte de cartear epistolarmente obedecia a regras em que se revelava um conhecimento muito profundo da psicologia amorosa e, muito particularmente, da psicologia feminina. As declarações de amor havia que fazê-las sob uma forma insuável e com estilo particular.

Na comédia *Euphrasina*, onde estão também descritos os costumes da vila de Coimbra no século XVI, com seus estudantes «Capitães» (1) e as suas «Iricanas» (2) rílicas como pombo e brancas como prata, há uma cena muito curiosa, na qual um estudante ensina a outro a escrever uma carta de amor. Desta scena resulta que as cartas se redigiam comitadas e respeitadas; que os mais apaixonados se feriam no dedo para escrever com o seu próprio sangue que estava em voga pintar no papel um coração trespassado por uma flecha ou destruído pelas garras dum leão; que as cartas terminavam com coplas dizendo em verso o que se não havia podido dizer em prosa.

Quanto à redacção propriamente dita da carta de amor, está minuciosamente indicado tudo o que deve expresser a sua dialéctica, os processos aconselhados ao enamorado para manter-se na dama dos seus pensamentos, para captar a sua confiança, suggestioná-la, obter dela todos os favores. Os psicólogos modernos ultrapassaram muito pouco os estudantes do século XVI no conhecimento do coração feminino. Expressam-se as mesmas coisas que hoje, numa linguagem talvez menos depurada, mas desde então mais pitoresca. Escrevendo a mulher amada, o homem devia de fazer sempre ante todo gala de um humor doce, submisso e respeitoso. A carta devia começar por palavras ternas, graves, cheias de persuasão e linha que entrar no assunto da maneira mais confusa possível.

Com efeito, diz-se na aludida comédia que não convém que as mulheres compreendam em seguida o que nos lhes dizem. A razão é simples e o estudante a explica a um amigo: «as mãos em jarrá, a cabeça erguida pela rigidez do seu colarinho gonado», a semelhança dos personagens predilectos de Parloja de la Cruz: «Se as mulheres compreendemem imediatamente o que nós queremos, magoar-se-iam e fugiriam como pássaros espantados».

(Continua)

JÚLIO DANTAS.

(1) Estudantes com a capa e o livro tradicionais.
(2) Nome dado às mulheres da cidade de Coimbra.

O ECO NACIONAL

(FOLHA SOLTA DE ACTUALIDADES)



DR. JOSÉ DIAS SANCHO

escritor e jornalista, cujas afirmações de talento o faziam ser já considerado uma das nossas melhores esperanças literárias e cujo falecimento, a 10 do mês findo, foi para as letras pátrias e para o seu Algarve uma perda irreparável.

UM GRUPO DE ADMIRADORES E AMIGOS DO ESCRITOR JOSÉ DIAS SANCHO
VAI ORGANIZAR-LHE, EM OLHÃO, UM «IN-MEMORIAM».

IDEIAS & FACTOS

PELO RESSURGIMENTO NACIONAL

Um dos roteiros da grande peregrinação patriótica nos lugares sagrados de Portugal (ou antes, do Norte do País), levada a efeito no ano findo pelo *Diário de Notícias*, foi o nosso camarada de redacção Dr. M. Gomes dos Santos.

Porque bem simbolizam, não só o pensamento patriótico de todos os roteiros, mas de quantos hoje trabalham na *Alma Nova*, julgamo-nos no dever de arquivar aqui algumas das nobres palavras proferidas pelo nosso querido companheiro na última reunião dos Peregrinos.

Elas de certo modo estabelecem pontos de doutrina de que nunca nos desajamos ahear.

Es as principais afirmações da brilhantíssima oração.

• Nesta maravilhosa peregrinação, através da formosíssima Terra de Santa Maria, encontraram-se pessoas das mais variadas classes da sociedade portuguesa. E todas se mostraram identificadas na sublime doutrina do patriotismo. Visões, preconceitos, scepticismos, vaidades — todas as influências deletérias se afastaram, como por milagre, para que o amor, a fé, a coragem e a dedicação de novo brilhassem no firmamento de Portugal!

E' no campo da batalha, onde não há consideração nem conforto, sob o rigor da disciplina e a constante ameaça do inimigo que os heróicos soldados portugueses se abraçam como verdadeiros irmãos, para ganharem coragem, suportarem fadigas e desafiarem a própria morte!

Quem ousará quebrar as laços de solidariedade que então se estabelecem, tão vigorosos, tão indissolúveis, que permanecem pela vida fora a patelar a nossa inquebrantável dedicação?

Pois bem, todos nós somos soldados da Causa da Pátria, e soldados da primeira linha, nesta formidável e decisiva batalha em que a virtude, o mérito, a lealdade, a obedição, o heroísmo hão-de subjugar o vício, a incompetência, a traição, o egoísmo e a pusillanidade! Porque, meus senhores, Portugal não sofre somente da escassez de dinheiro; o que mais lhe falta é um ideal colectivo que luça congruente, numa comunidade de pensamento e acção, todos os verdadeiros portugueses. E apesar de tamanhos infortúnios, de tantas desgraças e desvarios, Portugal quer viver, deseja reabilitar a sua fama gloriosa.

Sejam, pois, os apóstolos da religião do patriotismo, celebrando os feitos da nossa História, as belezas, maravilhas e encantos da nossa terra, as emoções e os sentimentos altruístas. É para isso é absolutamente indispensável fortalecer a nossa fé, a fé prodigiosa que foi apanágio dos nossos heróis, santos e poetas, e que ainda hoje se manifesta, exuberante, na alma do nosso povo, na alma dos estudantes, na alma dos soldados e marinheiros portugueses que caminham para a luta confiante e acreditando na vitória. Essa mesma fé que nos alumina na escalada para a Epopeia da Raça, ilumina-se, como por encanto, neste ambiente de poesia, de beleza e deslumbramento!

Que esta e outras peregrinações de estudo e de propaganda patriótica nos forneçam os materiais para as grandes construções do futuro, constituindo uma escola onde se aperfeiçoem os caracteres e se esclareçam as inteligências, e um templo onde se elevem os corações de todos os portugueses, imantados no mesmo anseio de ressurgimento.

Cerrando fileiras em volta do altar da Pátria, caracteres disciplinados, pela noção perfeita da responsabilidade, pelo cumprimen-

to fiel do dever e da honra, estabeleçamos um pacto de solidariedade, colaborando na obra bendita do ressurgimento nacional.

ESCOLA SUPERIOR COLONIAL

A última reunião dos alunos desta Escola, para a eleição dos novos corpos gerentes da respectiva Associação, tomou um interesse que muito nos faz prever as boas disposições em que os mesmos estão de realizarem uma obra de propaganda colonial e associativa que os imponha.

Também sabemos que o sr. Conde de Penha Garcia não descarta a necessária e urgente reforma dos cursos deste importante estabelecimento, nem a codificação insoslayável das garantias imediatas dos ditos cursos.

FEDERAÇÃO DOS GRÊMIOS REGIONAIS

Nun louvável intuito de maior união, defeso e conhecimento mútuo de todas as provincias, vai organizar-se em Lisboa a Federação de todos os grêmios regionais do continente e ilhas.

Tal ideia, dado o patriótico espirito de que é revestida, não pode deixar de ter o aplauso de todos os regionalistas sinceros.

A CASA DOS ALGARVIOS

Parece ter estado no caminho das realizações a ideia da fundação da «Casa dos Algarvios» em Lisboa. O nosso director abriu, para esse fim, uma subscrição no «Correio do Sul», de Faro, que teve o melhor acolhimento e logo na 1.ª semana uma inscrição de quasi 5 mil escudos.

Essa subscrição continua simultaneamente aberta no «Correio do Sul» e na «Alma Nova».

Até 5 do corrente subscreveram:

Maria Marmo	Esc.	10000
Harberto José Pacheco	•	1,00000
D. F.	•	3000
José Raul da Graça Mira	•	10000
Mex, edição mensal	•	2500
António Saldor Mendonça	•	1,00000
Pedro Estela Ribeiro	•	10000

Várias festas pensa a «Alma Nova» promover em Lisboa, entre a colônia algarvia, para obtenção de fundos destinados à referida «Casa».

INSTITUTO ALGARVIO

Os estudantes algarvios que se encontram ficando os seus cursos em Coimbra, acabam de fundar ali, no edificio da Associação Académica, uma agremiação regional com o título acima, de cuja Direcção é presidente o autor das *Bases históricas do Regionalismo Algarvio*, sr. Carlos Pedro Cabrita.

A Direcção do mesmo Instituto convidou o director da «Alma Nova» para seu delegado em Lisboa, num officio cheio de fé regionalista e penhoradas expressões que não podemos deixar de agradecer.

AS NOSSAS SEPARATAS — Por dificuldades imprevistas, surgidas no correio, não poderão ser distribuídas dentro da *Alma Nova*, como desejávamos, os oitavas de «O Deceito» e as Mulheres».



DR. H. GOMES DOS SANTOS
Presidente do «Núcleo do Ressurgimento Nacional» e da direcção do *Octavo Académico de Lisboa*.

ACTUALIDADES



NUNO CATARINO CARDOSO.

Um dos jovens mais laboriosos e apor-
tosos investigadores literários e de assun-
tos de arte e regionalismo, cujo último
livro «História da S. Intra e arredores», acaba
de entrar na 2.^a edição



**DR. OSCAR CARDOSO
MONTEIRO**

Ilustre oficial de Marinha, e
autor do livro de poesia
«Mar de Sargãos»



JOÃO MARIA FERREIRA,

que publica, em excelente edição da
Livraria Rodrigues & C.^{ta}, um novo livro
de poesia, sob o título «Crépulosca».

OS LIVROS DO MÊS

ESTA página da Alma Nova, que é por
si só uma obra de complemento
gênico da mesma revista, que se actualiza
dos do momento impedia de largarmos a
esta página não podia limitar-se com a
simples documentação gráfica dos princípios
lidos do mês — principia-se também, a partir
com o regime da vida mental de todo o país.
É por isso preciso que se saiba, não só
que vale a pena ler a que tem escrito uma
obra. Não se trata, em La Nova, de um
conhecimento, acerto que se encontram e propo-
gum, os seus objectivos. — As coisas, longe
de serem um mal, são, por isso, um bem in-
finito. Não são, além disso, simplesmente a
realidade psicológica, os seus processos de todos
os factos de desenvolvimento das civiliza-
ções. — Em vez de se ir ao fundo, na
sociedade civilizada da nossa, se pelas suas in-
fâncias se tem melhores razões. É só a in-
fância sagrada das suas idéologias que se
luzam e se elevam as suas e os caracteres.
— Não são somente os poetas, são os
sentidos de homens, a realidade subterrânea,
que não se tem, não se tem. Com o
deleitar, a realidade da poesia na literatura dos
poetas, na realidade humana, — poesia e
sentimento, e de si mesmos. É um pro-
prio de mais, de mais os poetas...

A estes livros de poesia, recentemente
publicados, são referências feitas no artigo.
São eles: *Poesias Escollidas* (Livraria
de Coimbra e Tel. paginas, de outros dez
grupos, pela Livraria, de publicação portu-
guesa); Dr. Elias Moniz Barreto de Aragão
(Livraria de Vila Rica); *Solidade*, de Sáez
Vaz; *Crépulosca*, de João Maria Ferreira;
Mar de Sargãos, de Oscar Cardoso; e
Poesias, de Luiz de Vilhena. O primeiro e
o último destes volumes são posteiros. Do
título de Vilhena era um poeta em poesia multi-
cador de seu fructo ideal. Alguns das
suas poesias cutáneas o artigo que se de-
za de, principia dos poetas literários — Luiz
de Vilhena, nascido à vida de desenvolvimento
das suas ideias, a realidade humana, — poesia e
sentimento, e de si mesmos, que se tem
caracteres literários se encontra similar.

Solidade, de Sáez Vaz, e *Crépulosca*,
do sr. João Maria Ferreira, são dois
livros que não trazem os seus processos psicológicos — são livros de todo,
entre eles, a poesia. *Solidade* tem uma bela apresentação e cores das suas
suas ideias, na sua realidade inspirada em pensamentos de Carlos, Camilo e
Arturo Novo.

Das duas partes em que o livro se divide — *Formas* e *Poesias* —, a primeira, tal a que mais se agrada. Os poemas de abertura são
rhythmos e períodos, e a 1.^a parte do... tem um e sentimento.

A página 83 há um acerto demandado raramente: e na página 24 outro



DR. ELIAS MONIZ BARRETO DE ARAGÃO
(CONTINUA DO MÊS)

o grande poeta italiano, autor do famoso livro próximo
«Poesias Escollidas», que sua virtuosidade o ilustre espa-
no, D. Maria Elisa Valente Nunes de Aragão, acaba de
fazer sair das prensas da «Livraria»

que Oscar Elias não quereria. O senti-
do, todo de humanização, aplica a vida
da obra.

Dr. Cardoso dá a seguinte nota:

«Crépulosca» são versos de tristeza,
dores e solidão em todo o lado.
E a vida está lá, muito bonita,
mas não é a mesma coisa.

Um em todo o tempo de alegria,
pallido não se tem, não se tem,
e qual não se tem em qualquer
em que de tristeza a vida se ganha.

Mas a vida em todos os pontos
que não se tem, a vida se tem,
e em todo o tempo, a vida se tem,
mas não se tem a vida se tem.

Assim é, de facto. — Em todos os
sentidos do sr. João Maria Ferreira se li
uma particular direção pelos melhores
sentidos. Os seus artigos mostram a
virtuosidade. O autor, que se sente dentro a
Maurício, os melhores artigos com a vida,
cada este livro as suas recordações do
tempo e a sua realidade psicológica em
proposito, sem se tem a realidade. Fala
depois de forma que se agrada, mas não
se tem a vida se tem.

No 2.^a parte do livro — *Matrizes* —
há realidades que não se tem a realidade
da vida e um artigo e poesia, inspirada
luzida. Os seus livros a página 82, 4,
tem, a melhor poesia do autor — uma
poesia que se agrada, sem se tem, a
poesia e a sua vida se tem a vida se tem
de há muito conhecido.

Mar de Sargãos, do ilustre de
Machado, do Oscar Cardoso, e um livro
que se não se tem a realidade se tem.
O autor sabe a realidade se tem a vida se tem
e a vida se tem. Das suas produções, as
suas ideias e a vida se tem a realidade se tem
do poeta, são as *Canções de mal dizer* e
suas recordações.

O ilustre construiu sobre a poesia

Desce a vida se tem a vida.
Desce a vida se tem a vida.
Val firmeza e não se tem.

É um verdadeiro livro?

Mário Moraes

Poesia. — Entre os livros de poesia que ilustremente se tem recebido, a seguinte
realidade crítica:

Uma Poesia (Eduardo Leza), de D. Elvira Paz dos Santos; *Ídolos de
cristo*, de Eduardo Scalfati, e *Canções e a Poesia Nacional*, de Paulo de Castro.
Publicações várias: — N.^o 85 do *Boletim do Instituto de Cultura de Coimbra* —
última publicação mensal em volumes de 300 a 500 páginas cada número.
Nuções — Paraguaré — Revista de Cultura Nacionalista. — Lisboa.
Portugal — Revista trimestral de cultura literária, científica e artística.

CHAMINÉS DE PORTUGAL

POR LUÍS CHAVES

(CONCLUSÃO)

II

O tipo geral da **chaminé** tem a forma de prisma rectangular ou de pirâmide rectangular truncada, mais ou menos desenvolvida em comprimento e altura. Às vezes sobrepõe-se esta forma piramidal a primeira.

Varia depois o dispositivo da saída do fumo. No modelo mais simples, a abertura superior estreita-se, e fica uma fenda longitudinal diante. Vem depois as telhas em altura ou comprimento, isto é, de pé ou deitadas, encostadas duas-a-duas, até, como mãos postas, resguardarem da chuva toda a fenda funeiral. Modernamente cobre-se a miúdo com chapas de ferro. (Fig. n.º 1 e 9, respectivamente de *Obidos* e *Alcanena*, e de *Extremoz*.)

Prismáticas ou piramidais, no alto do telhado ou perto do beiral, a parte posterior ao rés do telhado ou toda a construção desempenada, as **chaminés** em certas regiões extremenhas arredondam-se superiormente no sentido das faces maiores: a fenda fica aberta e os bordos juntos, ou é acompanhada de telhas. (*Sintra, Colares, Obidos*, Fig. n.º 2).

Outro dispositivo para a saída do fumo, consiste em séries de orifícios ou janelucos nas paredes da **chaminé**: são triangulares nas fig. n.º 7 a 9 (*Tomar, Alcobaca, Alcanena*); quadrados como nas fig. n.º 3 (*Torres-Novas*, n.º 6 (*Valado*), n.º 18 (*Extremoz*), paralelogramicos por exemplo nas figs. n.º 10 (*Alcobaca, Obidos, Leiria*, etc.), n.º 15 (*Extremoz*); ponteados, subpentagonais; na fig. n.º 4 (*Coimbra*); curvilíneos na fig. n.º 5 (*Leiria*); ora isolados, fig. n.º 1 (*Obidos*), n.º 6 (*Valado*), n.º 10 (*Obidos*), n.º 18 (*Extremoz*); ora em série, figs. n.º 3 a 5 (*Torres-Novas, Coimbra e Leiria*), n.ºs 6 a 9 (*Valado, Tomar, Alcanena e Alcobaca*), n.ºs 10 e 11 (*Obidos, Alcobaca, Leiria, Tomar e Caldas-da-Rainha*), n.º 12 (*Cabrela*), n.º 13 (*Obidos*), n.º 15 e 16 (*Extremoz*); iguais como nestes todos, ou desiguais em disposição de fantasia com os tejolos de construção, fig. n.º 17 (*Barba*); abrem-se os orifícios agrupados em forma de janela, simples ou dupla, fig. n.º 14-A (*Extremoz*).

Rasgam-se fendas nas paredes da **chaminé**, que são guarnecidas de tejolos a-prumo ou encostadas dois-a-dois, nas fig. n.º 7 (*Tomar*), n.º 8 (*Alcobaca*), n.º 9 (*Alcanena, Tomar e Parceiros*).

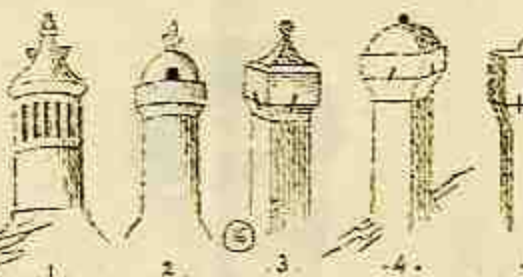
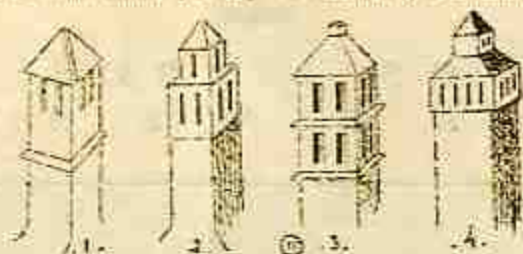
Freqüentemente se acumulam estes dispositivos no mesmo exemplar (cfr. figuras indicadas).

Em *Tomar, Torres-Novas e Alcanena* (fig. n.º 9), a **chaminé** cobre-se de um tejadilho de duas vertentes; o fumo sai por um buraco triangular, aberto nos topos, e por uma fenda lateral com tejolos verticais ou encostados aos pares, correndo-a de cima até baixo.

Outro modelo é o da **chaminé** turriforme, de base

quadrada. Termina em ponta; sobre o fuste prismático ergue-se uma pirâmide curta, a formar-lhe **capelo**, de faces planas ou arredondadas em forma de zimbório, fig. n.º 10 (*Obidos e Alcobaca*) e n.º 15 (*Extremoz*). O **capelo** toma formas artisticas na fig. n.º 11 (*Caldas-da-Rainha*), n.º 17 (*Barba*) e na fig. n.º 2 (*Algarce*). O fumo é expellido por fendas rectangulares, verticais, rasgadas logo abaixo do **capelo**, nas quatro faces da **chaminé**.

No *Alentejo e Algarve* fazem-se **chaminés** curiosas, com efeitos decorativos tirados dos proprios tejolos de construção. Servem de exemplo os dois modelos da fig. n.º 12, junto da estação de *Cerevela* na linha do Sul-Sueste, o da fig. n.º 17 (*Barba*), e as relaix de muitas **chaminés** de *Evora, Extremoz* (fig. n.º 14-A), *Beja e Alqueva* (fig. n.º 20).



Extremoz

(Cronis de Saavedra Machado)

Com a forma rectangular, paralelepipedica, ou em forma de torre, as **chaminés** oferecem-se a fantasia dos construtores, que sobrepõem formas; enchem-nas de molduras; corrom-nas com florões e bordas (fig. n.º 17 (*Barba*) e n.º 21 (*Extremoz*); frizam planos (fig. n.º 13 (*Obidos*); dispõem com graça as séries de fendas, por onde sai o fumo, com tejolos ou telhas; ornamentam-lhes frisos com desenhos (fig. n.º 18, *Extremoz*) e esgralitos; pintam-nas de cores vibrantes, as mesmas das fachadas, ou as das molduras que envolvem em friso, rodapé e bandas, as paredes brancas e os vãos, como na região garrida de *Mafra e Ericeira*, decoração estudada e descrita com illustrações pelo Dr. Félix Alves Pereira em *O Arquêologo Português* (1).

As **chaminés** mais airosas são as do Sul, alentejanas e algarvias, onde predominam formas de torre e minarete, restos mouriscos aqui e ali mais ou menos misturados com vestígios de construções do século XVIII, num perfil a um tempo de atalaia bélica e pombal brancíssimo.

Reduzem-se, de uma maneira geral, a dois tipos: — o primeiro, equiparado ao tipo nacional em forma de **area**, alongada; — o segundo, mais característico, é **turriforme**, quer circular quer rectangular. E, como tipo misto, aparecem as **chaminés** arciformes de alto porte, prismáticas umas, piramidais truncadas outras.

1) — **Tipo de area**. — São rectangulares, alongadas, em geral mais altas que no Norte, consoante ficou dito já. A fumarada sai, como no resto do país, por fendas no alto, sem resguardo ou resguardadas com telhas, e por fendas laterais encobertas com uma teiba ou gru-

(1) Félix Alves Pereira, in *O Arch. Português*, vol. VII, p. 327-328.

deadas de teçolo; figs. 14 e 14-A (*Extremoz*), n.º 17 (*Borbo*) e n.º 20 (*Algarve*).

2) — Tipos de Torre —

a) *prismáticas*. Têm o aspecto de torres. Uma são de secção rectangular quasi sempre quadrada, (figs. 15 e 16, 3 a 5), de *Extremoz*, outras cilíndricas, (fig. n.º 16, 1 e 2). Terminam aquelas em tejadilho ou dispositivo piramidal; outras conservam-se prismáticas, mas têm por cima outra de secção menor, a rematar em pirâmide (fig. n.º 15, 2 e 4). As faces do remate são planas, ou curvas (fig. n.º 16, 3 a 5), e ás vezes é o remate envolvido por um envólucro cúbico (id. 5).

A expulsão do fumo obtém-se no alto por intervalos resguardados pelo *capelo*, ou por fendas laterais. As águas acumuladas à volta do *capelo*, no reservatório que pode formar-lhes o alargamento superior da moldura em ar de capitel, correm por calhas e saem por um ou mais tubos de cano por face.

Aparecem formas truncadas, truncaturas e rebatimentos, torres de curio porte, vistas igualmente algures; Coimbra por exemplo; fig. n.º 21 (*Extremoz*).

Estas *chaminés*, figs. n.º 14-A, 15 e 16, (*Extremoz*), n.º 17, (*Borbo*) n.º 2, (*Algarve*), têm a forma de pombais. Altas e esguias, são preciosas sugestões de torres italianas, como essas *chaminés* que o Dr. Vergilio Correia estudou e reproduziu na sua *Etnografia Artística* (*). Algumas, mantendo o mesmo tipo, são octogonais.

b) *cilíndricas*. São verdadeiras torresões. O fuste, mais ou menos alto, é coberto pelo *capelo*, ou atarga como em capitel, onde encaixa o *capelo*, coroado pelo remate de um florão ou lúria esférica; figs. n.º 16, 1 e 2 (*Extremoz*).

As saídas do fumo fazem-se por fendas altas em toda a periferia do fuste, entre molduras, ou pelo intervalo deixado entre o *capelo* e a base larga, formada pelo capitel, ou ainda por fendas, hocíros, alpenizaços ou não, abertos no *capelo*.

Nestas esbeltas torres, os ressaltos ornata molduras, e dão a cor branca da cal, ardeste ao sol, sombras de aguçada. As *chaminés* cilíndricas recordam de

(*) Vergilio Correia.

longe colunas com seu capitel, poisadas no sol nas te-lhados, a ampararem o céu caldeante. As outras, quadradas, imitam como as de Itália torres castelãs e pombais.

Este modelo último, em formas que poderíamos chamar clássicas, é frequentíssimo em povoados com edifícios de Setecentos e seus arredores, como *Extremoz*, *Sousel*, *Borbo*, etc. O seu tradicionalismo é assim bem mais recente que o das *chaminés* arciformes, se de facto é uma influência localizada pelos construtores do século XVIII, ou seja mesmo uma esquematisação encontrada nos modelos velhos de um *mudegar* alentejano-algarvio conservado em dispersão.

As *chaminés* são geralmente brancas. A decoração, quando a há, está no material de construção e nas linhas estruturais: vai o gosto do artista na forma e disposição das fendas, na sobreposição das molduras, no remate de bolas, florões e pináculos. Se são pintadas, enfaixam-se uma moldura de cor diferente, e na face lisa ou adornada de desenhos vibra cromática nova, calculada para centro de cor.

Os cantos das *chaminés* arciformes são guarnecidos de pontas de ferro ou de barro com figuras variadas, como podem ver-se na fig. n.º 22 (*Cova Alentejo*): naves de cartas de jogo, foicilhas, ferros de lança, etc.; na fig. n.º 14 veem-se, pontas, esferas, telhas, flores de lis (*Extremoz*); na fig. n.º 6 (*Valado*), duas botijas; na fig. n.º 8 (*Alcobaca*), pontas, etc.

Em Leiria e toda a região, as *chaminés* são cobertas com chapas de ferro, em forma de tejadilho, guarnecidas de hastas com trímidos e torcidos, que provam o bom gosto tradicional dos artistas ferreiros da cidade do Lis. Na fig. n.º 22, veem-se vários exem-

plares de ferros de *chaminé*, cruzados, rectilíneos, curvilíneos, em zig-zag, em as, com bandeirolas encimadas ou não de cruz. As ferragens de *chaminé*, desde os ferros de contacto com o fogo (brasfogoneiros, trampes, espetos, etc.) ás guarnições da cobertura do resguardio, formam notabilíssima colecção de desenho etnográfico e da arte nacional do lar, digna de um album da casa portuguesa.

Luís Chaves.

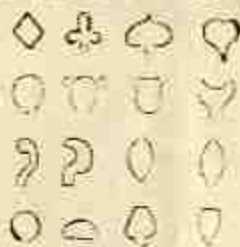


Fig. 22 — Cantos de chaminés

ARTE • EXPOSIÇÕES



O Plínio Falcão Trigueiro, um dos mais aguçados e apreciados pintores do Grupo Silva Porto, Grupo que expõe actualmente na S. X. B. A., com ruidoso êxito. Também realizou uma formosa estampa, na Bolina, o notável pintor José Campes.

TEATROS • CARTAZ DO CARNAVAL

NACIONAL, às 9.30. — C.ª Alves da Cunha — *Berta Bizze* — «Uma Mulher», «O Marido de Germana», «Pol-poutri Teatral» e *Bealindis*.

GINNASIO, às 9.30. — «Minha mulher está maluca», com Ilda Dschim, «O sr. dr. e seu marido», «O Tamar e o Guiso», «A Hora do Anúir» e «Já se matou!!».

POLITEAMA, às 9.30. — C.ª Adeline — *Aura Abranches* — *Maria Matos*. — «O diamedie de Sogras» e outros desopitantes comédias.

AVENIDA, às 9.15. — C.ª Sefonela — *Amarante*, com «O Pão de Ló», «Água-pé» e «Flor de S. Roque».

EDEN, às 8.30 e 10.30. — A revista «Fêete da Ledra» e os *restantes do seu elenco*.

MARIA VICTORIA, id. — «A Rambóia», com Hortense Luz.

VARIÉDADES, id. — «A Mãe Eva», com Eva Stuchino, e quadros novos carnavalescos.

TRINDADE, com Amélia Rey Colaço — *Robles Manteiro*. — «Cantas e Caréas», «Herões do Mar», «O Cato Preto» e *Actualidades*.

COLISEU — Companhia de Circo, bailes e malfézes.

CINEMAS

OLIMPIA —

S. LUIS — A revista «Abasso o Cinema!».

CENTRAL — «O gabinete do dr. Caligari».

ODEON — «Ben-Hur».

TIVOLI — «Os melhores filmes».

CONDES — «O Circo», as «Oduliscas», etc.

TERRASSE — «O grande esforço», «Rapaz ou Rapariga».

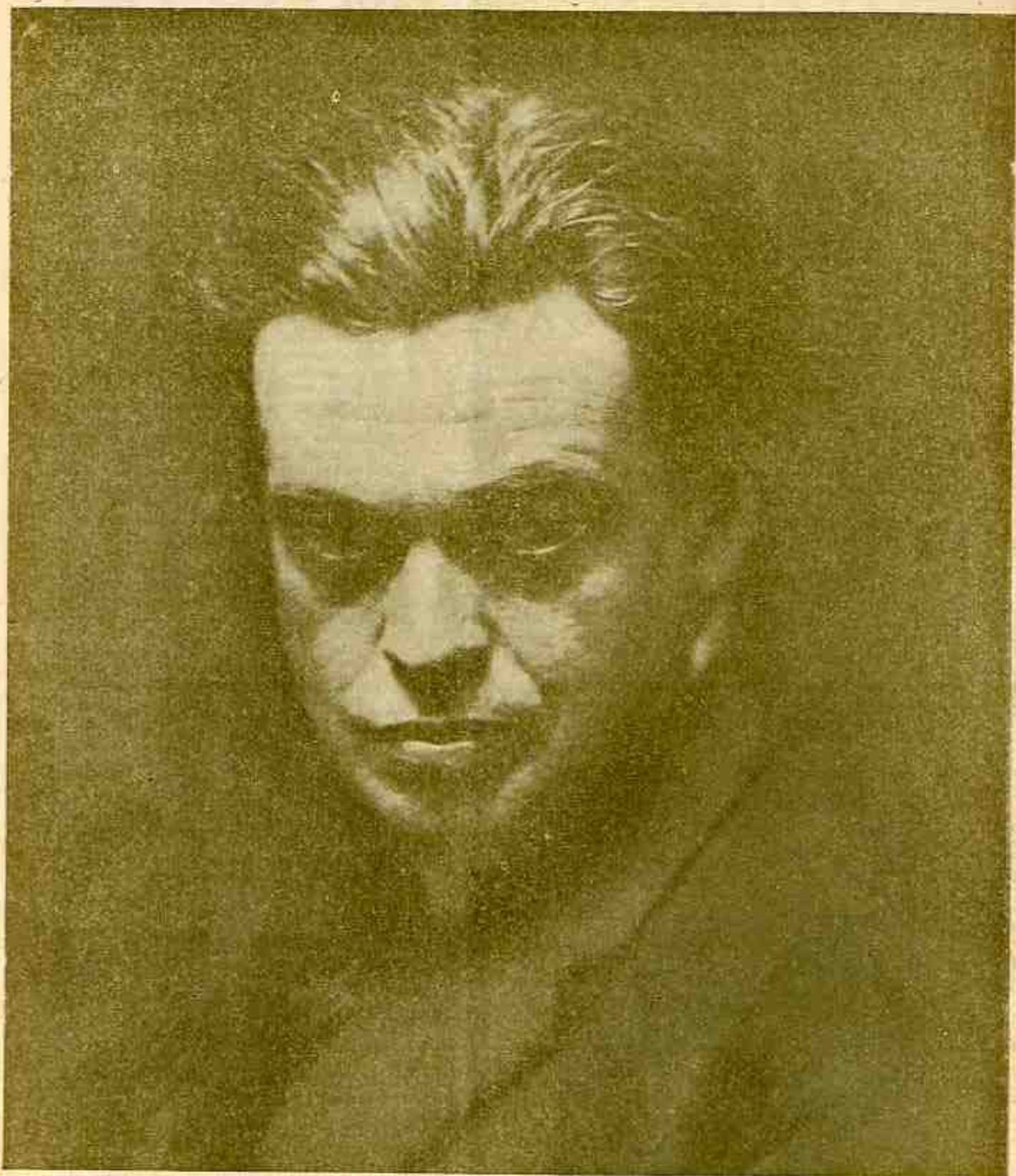
As películas da guerra continuam a entusiasmar os frequentadores do cinema, mas tendem já a passar da moda.

Os temas eternos continuam a ser as intrigas amorosas, e as lutas entre o espirito e a carne.

«Ben-Hur», «O Circo», o «Gabinete do dr. Caligari» e «Victoria», luzram resgotar as lotações. São produções formidáveis!

M. M.

OS NOSSOS DRAMATURGOS NA EXPOSIÇÃO DE SEVILHA



O THEATRO PORTUGUÊS NA EXPOSIÇÃO IBERO-AMERICANA DE SEVILHA

Um dos originaes portuguezes escolhidos para serem representados em Sevilha, durante a Exposição, será a peça *Luizigot*, do notavel dramaturgo Victoriano Heaga, de quem : : : : hoje damos o retrato nesta pagina, com as noças saudações : : : : :

(COM FERNANDES TOMÁS)

"COLECCÃO RESSURGIMENTO"

Direcção: Calçada João do Rio, 8-1.º - LISBOA

Romances, peças de teatro e novelas, de autores nacionais e estrangeiros, estudos sociais, económicos, artísticos, etc., em belos volumes de 60 a 100 páginas

.... Cada volume Esc. 3\$500

Assinaturas por 5 volumes: Escudos 15\$00 (Pagamento adiantado). Edições de luxo, preços especiais.

Todos que se interessam pela boa leitura, devem fomentar o desenvolvimento desta "Colecção"

..... Volumes já saídos ou a entrar no prelo:

I — Bibliographia Portuguesa da Grande Guerra (Notas subsidiárias para uma) pelo capitão José Brandão, ed. 3.ª, 2.ª ed. do autor (Aquisição autorizada pelo O. E. n.º 4 (1.ª s.) de 1928)	3\$50	Selvação da Costa. Edição profusamente ilustrada e de leituras para férias ou promissões (id.)	3\$50
II — O Louco Amor . (Novela passionai) por D. Ramon Maria Tereza. Versão de Estacio Franco. Prefácio de Filipe de Figueiredo, c. 2.ª ed. do A.	3\$50	VI — Impressões de Angola . (Essas duas viagens de exploração científica), pelo Dr. F. d'Alencar Mendonça (em prelo)	3\$50
III — Espanha Maravilhosa . (Sevilla e Cordova), por José Dias Sanchez (a entrar no prelo)	3\$50	Mateus Moreno: EDIÇÕES VARIAS	
IV — Teatro : Peças de Dr. Luis d'Oliveira Guimarães e Mateus Moreno (id.)	3\$50	A Nova Guerra e a Artilharia (Aquisição autorizada)	7\$50
V — A Mulher Portuguesa , por Cláudio Basso, Luis Chaves e		Rebello de Bettencourt: O Mundo das Imagens (crónicas, retratos e viagens)	7\$50
		Dr. Luis d'Oliveira Guimarães: O Diabo, Mestre de Dança (crónicas modernas)	7\$50

(Desconto de 20 % nos assinantes da "ALMA NOVA")

OUTRAS EDIÇÕES

Pedidos à E. João do Rio, 8-1.º - LISBOA



Peça-nos

"A GAROTA"

As mais belas páginas de Arte e humorismo

N.ºs 1 a 4, cada 1\$00

CAMPANHAS
CAMILIANAS

POR

OLDEMIRO CESAR

E

CRUZ MAGALHÃES

(Com illust. de Rafael Bordalo)

Vol. broch. 3\$00

(Quasi esgotado)

O MUNDO
DAS IMAGENS

CRÓNICAS
RETRATOS
E
VIAGENS
DE

Rebello de Bettencourt

Um belo vol. de 160 pág., 7\$50

Livro da maior actualidade e interesse



— Porque estás tu assim doida por esse pobre cego?...
— Porque me lembro da-quele outro que vem na No-vela «O LOUCO AMOR».

Por MATEUS MORENO:

"SANGUE D' EPOPEIA"

A ARTILHARIA PORTUGUESA NA FLANDRES

(Livro oficialmente recomendado)

1 vol. ils. de 150 págs. 3\$00

DA GUERRA E DA PAZ:

"SINFONIA MACABRA"

1 vol. ils. 2\$00

COOPERATIVA EDITORA
"RESSURGIMENTO"

DESCONTOS



GARANTIAS

AUXÍLIOS

Sócios de Consumo 20\$00
" Interésse 500\$00

Inscrição: C. João do Rio, 8-1.º - LISBOA

Por Dr. M. F. DO ESTANCO COELHO:

Os Lusíadas

O Povo Português

NO VOCABULÁRIO

1 volume 7\$50

"Caderno de Gramática Portuguesa"

para a I, II e III classes dos liceus
(de harmonia com o programa em vigor)
Cada 3\$50

A sair: "O LIVRO DE ALPORTEL"

Peça hoje mesmo o tomo I de

O DESENHO E AS MULHERES

no labor artístico de RAFAEL BORDALO

OBRA INDISPENSÁVEL EM TODAS AS ESCOLAS E BIBLIOTECAS

Cada tomo, 10\$00 Assin. de obra (3 t.), 30\$00

LIVROS BARATÍSSIMOS:

Minha Dátria, poemas de Mateus Moreno, 2.ª edição	2\$50
Eça de Queirós revelado, edição illust.	2\$50
Canções, de Rebello de Bettencourt, 2.ª edição	2\$50
Musa Algarvia, inéditos vários	7\$50
Odes de Anacreonte, por Luis Caldeiro Nunes	2\$50

Assine e consiga entre os seus conhecimentos novas assinaturas para a "ALMA NOVA"

DESEJA

LIVROS, DESENHOS,
GRAVURAS E
TRABALHOS
TIPOGRÁFICOS
ARTÍSTICOS

E

BARATOS



Faça-se sócio da "Cooperativa Editora
RESSURGIMENTO".

Trabalho: C. João de Rio, 6-1.º — LISBOA

Sócios de consumo: 1 seção de 20500; Sócios

de interesse: 25 seções

■ Todos os sócios recebem a "ALMA NOVA" gratuitamente ■

Direito Português

E

BRASILEIRO

—

Manuel Gomes dos Santos

ADVOGADO

(Com procuradoria no Brasil)

—

RUA VITÓRIA, 53-3.º

Telefone, C. 3156

L I S B O A

ROYAL-PHOTO

Atelier de arte fotográfica

SANTOS & RAPOSO, L.^{DA}

RUA DO CARMO, 55-1.º

(AO CHIADO)

L I S B O A

—

G R A N - P R I X

NA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO

— RIO DE JANEIRO DE 1923 —